

Diagnóstico e Caracterização Socioambiental

Autor: Marcos Afonso Gomes Ortiz, com contribuição de Sílvia Pompéia

O presente texto se dirige a grupos formais ou informais. Por isso, buscou-se uma linguagem mais direta, mais coloquial, evitando-se construções ou termos complicados. A qualidade e profundidade da informação em nada foram perdidas, por isso pode ser usado com base por diversos tipos de atores sociais, especialmente aqueles que desejam atuar de modo mais próximo aos grupos menos letrados, menos intelectualizados.

Trata-se de um texto adaptado de um fascículo criado para o Programa “Mãos à obra pelo Tietê”, da Fundação SOS Mata Atlântica, redigido principalmente por Marcos Ortiz Gomes, com contribuições e revisão de Sílvia Pompéia. Ele explica o que é, como se faz e o enfoque participativo que começa pelo diagnóstico. Apresenta uma metodologia, um jeito de fazer o levantamento da percepção ambiental e da realidade local.

Esperamos que as orientações contidas aqui não sejam tomadas como amarras ou limitações, mas sim como inspiração das ações dos grupos.

Este artigo contém os seguintes itens para orientar a realização do diagnóstico participativo:

- Levantamento da percepção dos atores envolvidos com relação à realidade local - requisitos para uma ação de pesquisa socioambiental participativa.
- Perfil dos Mediadores/ Facilitadores.
- Perfil dos Sistematizadores.
- Passos para o diagnóstico participativo.
- Como preparar o roteiro temático.
- As técnicas de campo e como escolher as técnicas mais apropriadas ao roteiro.
- Como registrar os dados brutos do levantamento.
- Como registrar os produtos das técnicas.
- Como sistematizar as informações
- Dicas de análise participativa.

LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL E DA REALIDADE LOCAL

Requisitos para uma ação de pesquisa socioambiental participativa

Quando tratamos de questões ambientais, precisamos saber como as pessoas percebem seus problemas: quais seus desafios, qual seu potencial, o que desejam mudar ou não numa determinada realidade. Para isso devemos mergulhar no universo dessas pessoas, entender como elas percebem seu ambiente.

Percepção social e ambiental

Assim, é muito importante que antes de sairmos falando o que as pessoas devem fazer para melhorar suas vidas e o ambiente na qual elas vivem devemos perguntar a essas pessoas o que significa para elas as coisas ao seu redor, o que elas consideram problemas e

como identificariam as soluções para tais problemas. A esse mergulho no universo explicativo do mundo criado e dinamizado pelas pessoas no seu dia-a-dia, chamamos de estudos da percepção.

Para identificar, planejar e desenvolver ações que envolvam o meio ambiente e a sociedade, devemos estudar a percepção das pessoas sobre essas temáticas como um dos primeiros passos.

Se você deseja transformar a situação socioambiental, não deve atuar de forma isolada: você precisa contar com o envolvimento da comunidade, e esse ocorre se você souber como ela pensa e age com relação ao assunto.

Realidade local

Inicialmente, é preciso delimitar claramente a região ou as comunidades que serão envolvidas em um Projeto. Em seguida, identificar as relações dessa região, dessas comunidades, com o contexto geral. A consciência da realidade local se vincular ao global vai ser construída com a participação de cada grupo da sociedade civil que se organizar em torno do Projeto.

Outro fator importante é localizarmos a evolução, o histórico da região e das comunidades: quais foram e quais são, hoje em dia, as referências de espaço, de pessoas, de grupos, de instituições. Estudar o local onde vamos atuar, dando o devido valor às referências históricas, é dar um passo ao futuro respeitando os elementos naturais, sociais e culturais dos quais aquelas comunidades dependem de fato, mesmo a despeito de toda a modernização da sociedade.

Por fim, localizar a relação e a função proposta para cada participante do grupo, como pessoa e como instituição, é fundamental. Exercitamos, assim, a volta do olhar para a situação da sociedade e do ambiente em que ela está inserida, evidenciando os vínculos e relações que já temos ou que estaremos tendo com ela.

Realidade socioambiental

Conhecemos e tomamos consciência de relação nossa com a natureza porque temos uma maneira diferenciada de pertencer a ela comparada aos outros animais. Fazemos parte, enquanto uma espécie animal, das cadeias biológicas evolutivas, mas somos seres criativos providos de uma relação não programada, como ocorre com os demais seres.

Criamos nossas relações entre nós mesmos e entre nossa espécie e as demais. A esse processo de criação, que gera a sociedade e media as relações sociais, damos o nome de cultura. O conhecimento acumulado durante a existência da espécie humana no planeta é resultado das relações que o homem estabelece com a natureza e com o divino (para quem assim acredita). Portanto, não podemos separar o “meio natural” do “meio cultural/social”, isto é: a separação do homem, de um lado, e da natureza, do outro lado, nunca existiu. Essa separação é também uma abstração humana, uma invenção do homem ocidental moderno.

O ser humano é um ser sociocultural e natural ao mesmo tempo, sem poder separá-lo em dois fragmentos. Por isso podemos dizer que estabelecemos e vivemos imersos em relações socioambientais.

Mesmo distante de paisagens que costumamos chamar de “naturais”, a espécie humana continua a depender exclusivamente das relações que o homem mantém com a natureza, que também são influenciadas pelas relações sociais.

Pense nos recursos que a humanidade utiliza para fazer seus produtos e suprir as suas necessidades básicas; nos medicamentos e alimentos que hoje são importantes para manter o homem vivo; nas reservas dos recursos que ainda existem para garantir que as gerações futuras continuem a viver – há sempre um conjunto de relações com a natureza que o homem está mantendo direta ou indiretamente.

Como se pode ver, mesmo achando-se separado, o ser humano é parte e é criador das condições para o meio ambiente, ao mesmo tempo em que este também cria determinadas condições para ele. Existimos como parte de uma dinâmica entre os diversos tipos de vida e as formas físicas do planeta e do universo, de modo que, dependendo das ações sociais dos homens, as condições para o ambiente alterado por ele serão favoráveis ou não à sua própria existência.

A exploração desequilibrada da natureza, a sua degradação e a recente preocupação com as questões ambientais introduziram essa visão de uma separação ilusória entre homem e natureza, dando-nos a sensação de que meio ambiente é um lugar com árvores e outros seres vivos que devem ser preservados, independentemente das ações humanas.

Ora, isso é impossível de ser tratado em separado, pois é pela interação desses elementos que se produzem ou se deterioram as condições de vida de todos. Elas afetam tanto árvores como animais, incluindo os seres humanos. Por isso falamos de relações socioambientais, pois o que o homem faz em sociedade atinge e afeta o meio ambiente, assim como os processos dinâmicos da natureza também afetam as sociedades humanas.

Diagnóstico participativo

A palavra *diagnóstico* tem sido muito utilizada pela medicina quando os médicos estão estudando um paciente para ver como está a sua saúde e, se ele tem problemas, descobrirem mais detalhes sobre o que realmente está se passando com ele. Ao final, o médico chega a uma conclusão – o prognóstico – em que descreve a situação (caracterização) e prevê o tratamento (medidas a serem tomadas para a recuperação da saúde).

Por semelhança, propomos a cada grupo que estude algumas questões e alguns detalhes sobre as comunidades e instituições com as quais vai interagir. Um olhar mais profundo deve ser lançado para caracterizar as potencialidades e os problemas no território adotado pelo grupo.

Este texto traz uma orientação passo-a-passo para realizar o diagnóstico, quais devem ser os cuidados especiais a serem tomados pelo grupo, quais os dados e indicadores que são mais relevantes na visão de projeto assumida, como eles devem ser observados, procurados, medidos e registrados.

A melhor forma de fazer esse diagnóstico é de um modo participativo. Isto é, buscando o maior envolvimento possível das pessoas - participantes do grupo, instituições proponentes/parceiras e público beneficiário – na construção de um conhecimento aprofundado a respeito da realidade local.

É importante que esse diagnóstico seja construído pelas mãos do grupo e da sociedade. Não buscamos padrões técnicos de especialistas como referência para o diagnóstico. Se fosse assim, seria mais fácil contratar um grupo de consultores para fazer o diagnóstico, e pronto.

Um diagnóstico participativo é mais difícil de fazer, porque é mais desafiante porque exige o respeito, a inclusão do máximo de visões com o máximo de pessoas. Por outro lado, ele anima bastante o aprendizado coletivo: todos que se envolvem saem com uma sensação de que também aprenderam com o processo de levantamento da realidade.

No diagnóstico participativo trocamos idéias sobre os significados das coisas e do mundo ao nosso redor. Essa troca é uma negociação que nos amadurece. E esse amadurecimento é a chave para conseguir envolver mais as pessoas numa ação transformadora: se as pessoas não entenderem coletivamente e não se envolverem, as ações surtem pouco efeito e nada muda.

Participação é um jeito de atuar, é uma maneira de se colocar diante do outro. Assim, tem muito a ver com comportamento e atitude de nós mesmos, e não apenas dos outros.

Aprendemos sobre participação quando tentamos vivenciá-la: participar é uma experiência que se tem na relação com os outros. E não tem sido muito usada, nem estimulada, nem aprendida em nossa sociedade...

Não dá para ler tudo o que há sobre participação e sair por aí achando que vai dar certo. Porque, nesse assunto, é a experiência que dita o ritmo do quanto se aprende. Para começar, porém, é preciso entender um pouco mais sobre participação.

Enfoque participativo

Há uma clareza que ainda precisa ser construída em torno da abordagem participativa e da participação social.

É muito comum o uso do termo **leigo** para designar as pessoas que não possuem formação técnica, diploma acadêmico sobre certo tema. Mas o fato de uma pessoa ser ou não ser leiga em "participação" não é o mais importante para ela entender plenamente sobre a abordagem participativa. Não é recomendável, por exemplo, considerar participação como o fato de convocar pessoas, colocá-las sentadas numa sala e comunicar o que elas devem fazer por elas mesmas e pelos interesses de um projeto. Ou, o outro lado da mesma moeda, participação também não é apenas chamar as pessoas e perguntar o que elas precisam ou o que elas acham disso ou daquilo e depois não fazer nada com o que foi dito, ou fazer apenas ações assistencialistas.

O mais instigante no enfoque participativo é que a gente precisa descobrir o valor da flexibilidade no relacionamento coletivo, seja ele particular ou profissional. Ao adquirir essa flexibilidade, a gente percebe que o aprendizado constante é uma característica básica da abordagem participativa. Participar se aprende participando.

A abordagem participativa envolve compreensão. Um tipo de compreensão que exige não pressupor a ignorância do outro, mas admitir que o outro sabe e que seu saber, antes de ser descartado, precisa ser entendido e reconhecido, mesmo que depois venha a ser transformado.

Esse enfoque participativo é, portanto, um insumo, uma postura, uma necessidade e uma condição da eficiência para o diagnóstico da realidade. Ganha força em toda a parte a

constatação de que esse tipo de abordagem é tão importante quanto conhecer os aspectos técnicos sobre o local.

A participação não deve ser vista meramente como um instrumento necessário para a solução dos problemas mas, sim, como uma necessidade do homem de se auto-afirmar, de interagir em sociedade, de criar, de realizar, de contribuir. Novas formas de conhecimento expandem-se com esse tipo de enfoque.

Podemos analisar a importância de um processo participativo por dois ângulos:

- Instrumental: será sempre mais eficaz fazer as coisas em conjunto, principalmente em questões ambientais. Mesmo que isso represente um grande desafio.
- Afetivo: a gente se sente bem trabalhando em sociedade, fica mais seguro, mais confiante. Cria outras referências pessoais para enfrentar a vida como tal, desenvolvendo essa essência natural de ser indivíduo e parte do ambiente ao mesmo tempo.

Tudo indica que o homem só desenvolverá o seu potencial pleno em uma sociedade que permita e facilite a participação de todos.

Conceito e pressupostos da participação

Começamos por tentar entender o que significa o termo *participação* tão mencionado nos dias atuais. Participar significa fazer parte de um grupo, tomar parte das decisões e ter parte do resultado: “a participação comunitária é um processo mediante o qual as diversas camadas sociais têm parte no planejamento, na produção, na gestão e no usufruto dos bens de uma comunidade”.

Dessa forma, participação deve ser entendida como **o fazer parte nas tomadas de decisão** pelas pessoas usuárias de um serviço público ou privado, pelos consumidores de um produto, pela sociedade chamada a se engajar nas causas ambientais, pelos envolvidos ou “impactados” de uma ação comunitária de qualquer tipo. Participar é também **acompanhar**, durante o projeto e ao final dele, as atividades geradas por meio daquelas decisões coletivas tomadas durante o processo participativo.

Participação, compreendida por este conceito, tem os seguintes pressupostos básicos:

- 1) Melhorar as **condições para tomada de decisão e ações coletivas**. Essas condições podem ser facilitadas pela integração e incorporação dos saberes, das experiências e necessidades dos participantes dos grupos, seus parceiros e colaboradores. Especificamente nas questões ambientais, por exemplo, são as condições para que todos percebam o quanto as comunidades interna e externa são capazes de propor e expor suas expectativas e percepções, seja em relação aos riscos à sua vida e à do seu próximo, ou em relação aos seus sonhos por melhores condições de vida. Na questão dos riscos ambientais, os atores sociais potencialmente ameaçados devem contribuir para que eles sejam descobertos, especificados, controlados; e ter o poder de intervir para desfazer uma ameaça concreta à integridade humana e ambiental.
- 2) Elevar a **co-responsabilidade** dos atores sociais com relação às atividades de projetos e empreendimentos. No caso de prevenção, saúde, segurança humana

e ambiental é preciso definir claramente e compartilhar os papéis de cada segmento social na gestão a favor de seus resultados em todas as suas dimensões.

- 3) Facilitar os **processos de aprendizado social**, por meio do qual possa fortalecer e motivar os membros da sociedade a chegarem mais próximos da sua “emancipação cidadã” e dos mecanismos efetivos para a garantia equânime da satisfação das suas necessidades, por meio da democracia e do controle exercido desde a base social.
- 4) Aperfeiçoar as formas de **articulação e representação de interesses**, principalmente dos grupos sociais mais excluídos, nas decisões e na conquista de instrumentos de poder em nossa sociedade. Envolvendo forças e habilidades humanas de todos os atores sociais, os participantes alargam seus horizontes com mais preparo e experiência para participar em outras situações, além do diagnóstico e da preservação ambiental.

Ao participar dessa forma, a pessoa aprende a se organizar em rede de apoio mútuo e defesa de seus interesses nas demais esferas das relações sociais. Aumenta seu senso de responsabilidade por todos os seres vivos e por suas próprias condições de vida.

Quando um grupo utiliza uma abordagem participativa, há maiores possibilidades de fortalecimento social e político da população. É verdade que é um processo mais exigente. Porém, consegue muito maior e melhor colaboração em questões-chaves para o projeto do grupo.

As experiências de participação servem como um pólo irradiador de conhecimentos, de prática da gestão participativa nas áreas públicas e privadas. Faz a organização aprender e ensinar, em processo simultâneo, o desfrute do caminhar a favor da emancipação, criando uma cultura em que muitos começam a dominar instrumentos para garantir um convívio democrático. Em outras palavras, toda a sociedade se aperfeiçoa.

O desenvolvimento da participação depende também de um conjunto de atitudes pessoais favoráveis e de procedimentos concretos para fazer valer o que está combinado nas regras, por meio das relações humanas. Porque participar é relacionar-se.

Relacionar-se é constantemente aprender a estar, decidir, fazer e verificar com o outro sobre o que e como está sendo feito, a favor de quem e com quais finalidades e propósitos. O diálogo, nessas relações, é o ingrediente mais poderoso para que o aprendizado exista e que a própria participação se amplie.

Partindo para a Prática do Diagnóstico

Um processo de diagnóstico participativo necessita de um grupo de pessoas que promovam as atividades que permitam aos participantes – que serão autores do diagnóstico – a se manifestarem e produzirem as informações necessárias. Esse grupo será a “equipe de diagnóstico”.

Equipe de diagnóstico

A equipe responsável pelo diagnóstico precisa ser também definida: serão formadas pessoas das instituições proponentes que possam se dedicar a essa tarefa. Mas ela pode ser acrescida de representantes das principais instituições parceiras e de grupos do público-alvo, e até de outras pessoas que tenham facilidade de comunicação e/ou acesso às pessoas e grupos que deverão ser consultados, como líderes de programas culturais ou comunitários, agentes de saúde, professores, arte-educadores, líderes de associação de bairro, etc.

É importante, para a boa qualidade do diagnóstico, que a equipe seja o mais “sincretista” possível – com pessoas de diferentes formações, idades, origens sociais, com homens e mulheres, pessoas extrovertidas e introvertidas, etc. Embora isso seja mais desafiador, a equipe fica muito mais propícia a lidar com a diversidade de pessoas, acontecimentos e tipos organizacionais. Aconselha-se um grupo não inferior a 12 pessoas e não superior a 25.

Os membros da equipe serão chamados de “mediadores” do diagnóstico.

A prática começa com um encontro destes participantes, para conhecimento e entendimento do processo, antes de sua aplicação efetiva: é a “reunião de preparação do diagnóstico” realizada, quando possível, em um dia inteiro ou dois dias consecutivos para um maior aproveitamento por parte de todos.

Esta reunião pode seguir o roteiro que apresentamos a seguir.

Primeira parte – formação da equipe:

- Todas as pessoas se apresentam
- Alguém conta como o grupo se formou – mostra o material, a proposta como está no momento, a região que estará sob o foco da atuação, etc.
- Alguém explica o que é o diagnóstico, para que vai servir, a que fase está vinculado dentro do processo como um todo e as condições, os prazos para sua realização
- Cada participante fala de suas expectativas, indica suas possibilidades e declara seu compromisso em trabalhar na equipe do diagnóstico até o final das atividades
- A equipe toda reflete sobre o *perfil desejado e atitudes favoráveis* para a maior eficácia dos métodos de campo e identifica os papéis provavelmente mais adequados a cada um (depois todos experimentarão os diferentes papéis, podendo-se confirmar quem tem de fato mais perfil para determinada função).

Segunda parte – planejamento da ação de campo

- A equipe analisa os passos a serem dados e discute duas coisas: o objetivo do diagnóstico e o roteiro de temas;
- A equipe lê, discute e assimila as *técnicas de campo*, como se faz o *registro* das falas e observações durante a aplicação das técnicas e como esses registros são usados na *elaboração dos relatórios*;
- A equipe define um *cronograma de ação*: quem se responsabiliza pela aplicação de quais técnicas, para quais públicos, em quais dias, com apoio de quem etc.

Os assuntos *em destaque*, acima, serão apresentados a seguir.

PERFIL DESEJADO E ATITUDES BEM-VINDAS NOS MEDIADORES

É preciso prestar atenção em alguns comportamentos que são muito relevantes para que o diagnóstico participativo dê certo. Não tem a ver com julgamento moral, e sim com o fato de que o diagnóstico só funciona com essas condições:

- Os mediadores do diagnóstico participativo devem acreditar sinceramente que irão **aprender** das pessoas, com as pessoas; ou seja, necessitam ter um espírito de participação desenvolvido, sem demagogias e atitudes populistas de fingirem-se aprendizes de outras formas de saber que não valorizam de fato. Assim, ter verdadeira humildade a respeito do seu próprio conhecimento, reconhecendo que o tudo o que sabe é importante, porém é apenas **uma** forma do conhecimento;
- Ter um **interesse verdadeiro** naquilo que os informantes e colaboradores sabem, falam, mostram e fazem. Muitas vezes, a não resposta (o silêncio de alguém) já simboliza uma importante resposta, por isso o mediador precisa ser flexível e saber se orientar pela dinâmica imediata do levantamento sem perder seus objetivos de vista e não forçar ninguém a nada;
- Ser respeitoso para com todas as pessoas, com quem se está trabalhando;
- Ter uma capacidade especial de **prestar atenção** e ter **muita paciência**. Essa paciência se mostra também ao explicar constantemente quais são os interesses, os objetivos e “sonhos” do grupo e o que se espera do processo. Além do mediador se apresentar e falar claramente sua função e papel ali, ele precisa repetir isso várias vezes, porque não vai ser entendido por todos na primeira hora. É que muitas frases oralmente claras serão apenas compreendidas na vivência adiantada do processo, não por qualquer incapacidade de quem fala ou de quem ouve, mas pela profundidade dos significados que a inovação do Programa representa. Cultivar a virtude da paciência é, assim, crucial;
- Dominar os instrumentos e “ferramentas” que encorajam os participantes da comunidade a falar, expor, explicar, ampliar e analisar o seu saber, sempre se

comprometendo com o **registro** e a sistematização do que o trabalho vai gerando ao se desenrolar.

Atenção: As pessoas que têm a necessidade de falar muito, apresentam soluções prontas e fora do contexto para qualquer problema que apareça, impondo seus pontos de vista sem ponderar dos demais, indicam que não estão muito preparadas para estar à frente como mediadoras. Provavelmente possuem aspectos individuais a serem aprimorados antes de se aplicarem em diagnósticos participativos. Se não for o caso de afastá-las por um tempo, precisam ser colocadas em equipes com lideranças inspiradoras fortes.

O mediador como um animador

O papel do mediador é de condutor, animador, provocador e pacificador dos ânimos, de modo a garantir que todas as idéias fluam. A paciência, neste caso, é fundamental, pois mesmo que equivocadas, as idéias lançadas por algum participante não devem ser descartadas pelo mediador. No máximo, ele deve questioná-las através de questões do tipo: Como? Quando? Onde? E por quê? Como o grupo avalia essas afirmações de fulano? Devemos deixar que a comunidade reunida seja o filtro das visões, conclusões e resoluções.

Nas equipes de campo é necessário sempre alguém mais descontraído para falar e ouvir (o “animador”). Aquele que encoraja a equipe e os colaboradores/ informantes a se relaxarem durante os encontros. É freqüente, em contatos com pessoas com níveis de formação escolar muito discrepantes, que as partes adotem uma espécie de discurso formalizado, posturas corporais rígidas, olhares dirigidos a pontos fora do grupo (por exemplo, a um cartaz afixado na parede).

O mediador-animador, que vai na frente da equipe, não pode hesitar em estar sempre olhando nos olhos das pessoas, sendo cordial e procurando fazê-las ficarem tranquilas durante o encontro.

Enfim, o mediador tem que combinar essencialmente duas virtudes sem, é claro, deixar de se observar e aprimorar-se com relação a outras virtudes: a generosidade e a compaixão, no sentido que André Comte-Sponville as apresenta:

“Mas voltemos à generosidade. Que a solidariedade pode motivá-la, suscitá-la, reforçá-la, não há dúvida. Mas ela só é verdadeiramente generosa desde que vá além do interesse, ainda que bem compreendido, ainda que partilhado – logo, contanto que vá além da solidariedade! (...) ser generoso é saber-se livre para agir bem e querer-se assim”(...)

“Compartilhar o sofrimento do outro não é aprová-lo nem compartilhar suas razões, boas ou más, para sofrer; é recusar-se a considerar um sofrimento, qualquer que seja, como um fato indiferente, e um ser vivo, qualquer que seja, como coisa”.

(André Comte-Sponville Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes, 1998)

ANOTADORES/OBSERVADORES

As equipes de levantamento necessitam ser compostas pelos mediadores-animadores e pelos mediadores voltados aos registros e à observação. Mais adiante você verá como fazer as anotações e sugestões sobre o tipo de planilha a ser usada para isso.

No caso do anotador/observador, as características e os aspectos comportamentais e são os mesmos do animador, salientando que as anotações e observações devem ser precisas, pois são fundamentais para a análise dos dados levantados e elaboração do relatório do diagnóstico. Por isso, é importante que os anotadores/observadores estejam muito atentos e envolvidos nas atividades realizadas.

O registro é como uma “carta de navegação” que mostra os rumos. É a melhor forma de nos levar a perceber os avanços obtidos num processo. Auxilia a compreensão das metas já alcançadas e das ações que devem ser planejadas. Quando você registra e relata expectativas e fatos já ocorridos, acaba favorecendo a visualização de ações ainda necessárias. E, assim, fica preparado para o planejamento, para construir o projeto. Registrar não é um mero ato burocrático. É garantir um lugar na História e se tornar sujeito dela.

Sabemos bem o quanto as situações vão se alterando no decorrer de um processo. Às vezes, a entrada ou saída de uma pessoa na equipe já basta para alterar por completo as características do trabalho. E isso é muito humano que aconteça, porém, essas mudanças situacionais podem representar uma alteração de rota tão violenta que, se não tivermos em mãos nossos registros, “nossa carta de navegação”, poderemos naufragar.

As anotações devem ser o registro fiel das falas expressas durante a aplicação das técnicas. Como normalmente as respostas saem espontaneamente, é impossível anotar de modo muito organizado na hora. Assim, anota-se primeiro de acordo com a seqüência das falas, para não se perder nada; e depois, nos intervalos entre as aplicações das técnicas, passa-se a limpo, classificando as expressões e observações de acordo com os tópicos do roteiro e dos indicadores.

O passar a limpo é a grande tarefa que mostra o respeito à equipe e aos participantes em geral. Normalmente, não será possível escrever o relatório a muitas mãos, por isso os relatores finais terão de compreender o que os anotadores colocaram no papel.

Quanto às anotações, nos quadros de sistematização de dados brutos (ver tópico mais à frente) devem ser escritas exatamente como foram ditas e também frases completas, que façam sentido, de forma a poderem ser analisadas. Por exemplo:

<u>Não recomendável</u>	<u>Recomendável</u>
<ul style="list-style-type: none">✓ Ele acha que não há espaços próprios para as crianças brincarem.✓ Foi insinuado que alguns professores se tornam agressivos quando questionados sobre seus métodos de ensino.	<ul style="list-style-type: none">✓ “Não tem lugar para as crianças brincarem”✓ “Tem professores ignorantes quando a gente tenta pedir para eles melhorarem as aulas”

Na folha de anotações há um cabeçalho com dados muito úteis e importantes. Indicam as pessoas com as quais se está aplicando a técnica, o nome desta, a data, o número dos participantes, etc. pois afinal, dependendo da abrangência do diagnóstico, a memória nos trai e acaba-se confundindo informações do contexto local que prejudicam a qualidade do relatório final.

Para a aplicação das técnicas, a equipe deve ser composta de um mediador-animador e pelo menos dois anotadores, com sintonia e envolvimento entre eles, o que facilita muito o processo. Facilita mais ainda se a equipe criar o hábito de avaliar diariamente o andamento do diagnóstico, com total liberdade de reforçar os pontos positivos, criticar, opinar e expor suas idéias, de modo a garantir a qualidade e veracidade do diagnóstico, bem como cultivar um bom clima de interação, praticando o perdão.

É recomendável que, ao longo dos trabalhos, todos experimentem os diversos papéis na equipe. Mas, com o tempo, algumas pessoas mostrarão nítida “vocação” para determinados papéis...

No quadro abaixo mostramos uma síntese das atitudes que ajudam e daquelas que atrapalham o bom andamento e o resultado do diagnóstico.

Atitudes e condutas que ajudam	Atitudes e condutas que atrapalham
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Tenha em mente que qualquer técnica segue uma estrutura que foi organizada pela equipe tendo em vista um objetivo. ❖ Ficar relaxado, mas conservar a intensidade e concentração no seu papel. ❖ Explicar com toda clareza quem você é e quem a equipe, o grupo é. ❖ Continue perguntando e animando, com ajuda dos seis auxiliares: Que? Quando? Onde? Por quê? Como? Quem? ❖ Questionar um tópico com perguntas como: <ul style="list-style-type: none"> - O que você quer dizer com isso? - Conte-me mais sobre o assunto! - Quer falar alguma coisa mais sobre isso? - Mas, por quê? ❖ Avaliar as respostas: elas são fatos, opiniões ou rumores? ❖ Manter uma atitude neutra e preste muita atenção a comportamentos não verbais. ❖ Anotar cuidadosamente, com detalhes, durante ou logo depois da aplicação da 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aceitar a primeira resposta sem testar todos os tópicos; sem pedir exemplos ou que o interlocutor dê detalhes. ◆ Perguntar o que possa ser simplesmente respondido com sim ou não, ou seja, como uma pergunta induzida. ◆ Interromper o/a informante ◆ Colocar respostas na boca de um interlocutor que está hesitando ◆ Dominar a situação utilizando-se de comportamento não verbal inadequado, preconceituoso, que inibe ou julga o conteúdo ou a pessoa que o expressou. ◆ Consumir muito tempo dos interlocutores. ◆ Mostrar condenação ou nojo por condições locais ou bebidas e comidas oferecidas. ◆ Desacreditar ou criticar, mesmo que

Atitudes e condutas que ajudam	Atitudes e condutas que atrapalham
<p>dinâmica.</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Anotar os nomes dos informantes. ❖ Ter uma atitude aberta e estar preparado (a) para os bons ou maus momentos durante as entrevistas e demais técnicas. Se for insatisfatório ou se a(s) pessoa(s) têm dificuldades muito acentuadas em se expressar, despedir-se e sair educadamente. 	<p>só com um sorriso.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Fazer perguntas que contenham duas questões, como: “você tem um centro de saúde aqui, e está contente com ele?” ◆ Levar o interlocutor a se sentir como que estivesse sendo formalmente inquirido.

Deixar-se avaliar pelos membros da equipe quanto aos aspectos acima é muito importante. Essa avaliação deve ocorrer simultaneamente ao trabalho, nas horas de pausa do levantamento. Esses momentos são especiais para o aprendizado sobre a participação. Primeiro, ouvir sem se defender até o final da fala de cada um da equipe, depois levar consigo as observações dos colegas, refletir sobre elas e, num outro momento, dar um retorno ao grupo sobre o assunto. Isso é investir no auto-desenvolvimento. Às vezes, pode doer um pouquinho, mas crescer às vezes dói, mesmo...

As técnicas apresentadas a seguir são orientações de trabalhos de campo que precisam ser bem compreendidas, pois a sua compreensão profunda é que garante a abertura ao dinamismo na hora do diagnóstico. Compreendendo o “espírito da coisa”, seremos mais flexíveis, sem tomar as dicas expostas aqui como receitas ou regras que não podem ser transgredidas.

PASSOS PARA O DIAGNÓSTICO

A equipe do diagnóstico já está formada, preparou-se e estudou o que vai fazer, dividiu as tarefas entre os mediadores segundo os perfis mais apropriados. Entra, então, na fase de planejar as ações de campo propriamente dita.

1. Definir e tornar bem claros os objetivos do levantamento sobre a realidade e a percepção ambiental (identificação do propósito relevante comum do grupo)

Nesta etapa, a equipe se questiona quanto à intencionalidade de aplicação deste diagnóstico:

- O que queremos saber?
- Para que queremos saber?
- Que será feito com estas informações?

A equipe define, assim, o objetivo do seu diagnóstico participativo.

Quando a gente se faz essas perguntas, favorece que a equipe expresse isso em seus próprios termos e ainda se abra para outras possibilidades e usos que deseje para seu trabalho.

O objetivo geral do diagnóstico, formulado pela equipe, deve ser a primeira fala dirigida ao público quando se aplica uma técnica de campo. Quando a equipe convida uma pessoa a ajudar com informações e opiniões sobre as condições institucionais e socioambientais, quando aborda pessoas nas ruas e nas organizações procuradas, deve iniciar sua fala com a explicação do objetivo desse diagnóstico. Assim, as pessoas poderão decidir se querem ou não colaborar, se identificando ou não, dialogando com a equipe, fornecendo dados e dando suas percepções sobre o tema. Para tanto, é importante que a própria equipe participe da definição do objetivo e tenha este bem claro, durante todo o processo.

Sugerimos que o objetivo seja escrito com as palavras do próprio grupo e que seja colocado num quadro ou cartaz, para ficar à vista dos mediadores que estiverem executando tarefas do diagnóstico participativo.

2. Definição do Roteiro de Temas

Para que se possa atingir o objetivo estabelecido, é necessário definir que tipos de informações precisamos buscar no território pré-definido, isto é, que assuntos serão abordados (poluição? esgoto? lazer? cultura? saúde? emprego? ...). Esses assuntos formam o “roteiro de temas”.

O roteiro de temas não deve ser seguido ou utilizado como um questionário pronto: ele deve ser assimilado e compreendido por toda a equipe como tópicos orientadores das questões colocadas na aplicação das técnicas de campo. É um guia semi-estruturado para estimular as pessoas a falarem sobre si próprios; são pontos que iremos tocar e deixar o “interlocutor” comentar, em uma prosa informal, gostosa. O importante é que o grupo elabore um roteiro que tenha fôlego para cobrir, pensando no tempo e no número de participantes da equipe. Um roteiro enxuto e englobando os indicadores básicos é melhor do que um extenso e mal acabado.

Quanto mais objetivo for o roteiro, melhor será sua assimilação e aplicação, além de favorecer a análise de dados. Ele poderá ser modificado ou ampliado durante o processo, mas sem ele não se pode partir.

Duas ressalvas importantes: o roteiro deve ser coerente com o objetivo elaborado pela equipe; e deve expressar uma enorme capacidade de síntese do grupo em delimitar o que

ROTEIRO DE TEMAS DO DIAGNÓSTICO LOCAL

(exemplo – fragmento de projeto para promoção de jovens)

1. **Situação das moradias dos jovens**
 - 1.1 Condições sanitárias
 - 1.2 Espaços de convivência, número de cômodos
 - 1.3 Localização e relações de vizinhança
 - 1.4 Acesso a equipamentos de saúde, educação, lazer
 - 1.5 Relações com familiares
2. **Uso do tempo pelos jovens**
 - 2.1 Escola
 - 2.2 Trabalhos domésticos
 - 2.3 Trabalhos fora de casa (remunerados ou não)
 - 2.4 Atividades de esporte / cultura / lazer
 - 2.5 Lazer em casa (jogos, TV, leitura, outros)
3. **Lixo e esgotos expostos sem tratamento**
 - 3.1 Industriais / Comerciais
 - 3.2 Domésticos
 - 3.3 A céu aberto
 - 3.4 Focos de contato fácil com crianças e animais
4. ...
 - 4.1

deseja levantar sobre a realidade local, seja da comunidade, seja das instituições envolvidas no projeto.

Os mediadores devem deixar sua sensibilidade e intuição guiá-los durante os trabalhos, percebendo o quanto aquele(s) “colaborador (es) ou informante(s)” está (ão) disposto(s) a falar e, também, o momento certo de parar, mesmo não tendo esgotado o roteiro de temas em sua totalidade.

APRESENTAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS TÉCNICAS DE CAMPO

Após o roteiro temático ter sido preparado, são apresentadas as técnicas de levantamento de campo que serão escolhidas aquelas capazes de levantar as informações desejadas. Apresentamos também os objetivos de cada uma e a postura adequada para sua aplicação, visando-as sempre como meios de facilitação para que as pessoas expressem suas idéias e opiniões livremente. Depois de conhecê-las, podemos preparar um quadro de planejamento, indicando cada técnica que se adequará melhor a cada ação do diagnóstico. Veja como poderia ficar um quadro de planejamento da equipe para ir a campo:

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO - MICROBACIA DO IMIRIMBITIBA			
OBJETIVO: “.....”			
ROTEIRO DE CAMPO (após levantamento de dados e observação do meio de 15 a 30 de abril)			
Público	Técnica	Equipe	Dia / hora
Em geral: SENSIBILIZAÇÃO	Convocação e entrevistas na Rádio	Zé, Marta, Vera	3/5 – 14h
	Evento na praça	Raul, Bia, Pedro, Aninha, Guto, Vitória	27/5 – 17h às 21h
	Passeio de bicicleta com jovens	Lázaro, Zé, Vera	18/5 – 8h
Donas de casa da quadra X	Entrevista	Pedro, Marta, Vitória	28 e 29/5
	Observação do Meio e Caminhada	Raul, Marta, Vitória	5/6 – 10h
Padre Benedito	Entrevista	Pedro, Marta, Vitória	7/6 – 10h
	Agrada/Incomoda	Pedro, Marta, Vitória	7/6 – 11h
Turma do Futebol	Entrevista com técnico e 2 jovens	Zé, Marta, Vera	6/6 – 18h
	Observação do meio e Realidade/Desejo com grupo	Bia, Guto, Aninha	6/6 – 20h
Escola Municipal	Realidade/Desejo – alunos 8ª série	Guto, Bia, Vera	5/6 – 14h
	Mapeamento – funcionários	Guto, Bia, Vera	5/6 – 15h
Associação Y	Entrevista - presidente	Pedro, Zé, Aninha	5/6 – 21h

Este quadro é uma maneira de organização do grupo para registrar seu cronograma de ação do diagnóstico. Ter os elementos bem planejados não significa que devemos nos amarrar a eles, mas se não criamos um meio de informação de quem, o que e onde está fazendo durante o diagnóstico é bem fácil nos perder nas atividades.

Sensibilização

A sensibilização é o “abre alas”. Não é bem uma técnica de coleta de dados, mas é um princípio de contato do grupo com a sociedade.

Abordar e explicar o que se quer, incluindo o objetivo do diagnóstico é condição primeira. Essa abordagem das pessoas pode ser na rua, por telefone e depois pessoalmente em casa,

na empresa, no local de reunião. Perguntamos se a pessoa tem um tempo, explicamos para que e vamos adiante ou marcamos um outro momento quando for mais conveniente para pessoa ou grupo. Por questões de segurança, dependendo dos bairros, vamos encontrar vários tipos de reação, nem sempre amigáveis. Despedimo-nos com gentileza e vamos adiante.

Os levantamentos formais, através de questionários fechados, são muito importantes e recomendados para pesquisas de cunho acadêmico. Contudo, estudar a realidade através do diagnóstico participativo tem um outro fim: o de construir um entendimento e um aprendizado para a ação organizacional concreta, para o grupo saber o que fazer por si e para si. A precisão matemática dos dados é secundária face ao envolvimento das pessoas com o processo que se quer alcançar, por isso deve ser lúdico e relaxante.

Isso vale para crianças e muito mais ainda para jovens e adultos que têm necessitado reatar vínculos com seu espírito infantil para se abrirem ao aprendizado e às mudanças. No lúdico, “a confrontação de pontos de vista está sempre presente” (Constance Kamii e Rheta DeVries, 1991) e essa confrontação ajuda uma análise flexível da realidade, matéria prima de planos capazes de transformar pela participação.

A presença das pessoas nos encontros para aplicação de técnicas coletivas será favorecida se o grupo criar eventos chamativos com bom humor, como esquetes, fantasias, performances de rua – tudo o que for de bom gosto e agradável para chamar a atenção e ganhar um momento das pessoas. Elas se convencem, assim, a colaborar, seja recebendo os mediadores para uma entrevista sobre o bairro, seja para fazer parte de uma caminhada.

Nas escolas há sempre professores que podem ajudar a aglutinar grupos para a aplicação das técnicas. Utilizar as mídias locais para sensibilizar as pessoas a ajudar no trabalho de levantamento de realidade, é também muito recomendável.

As técnicas serão escolhidas de acordo com o público a que se dirigem (indivíduos ou grupos, que têm ou não facilidade para escrever, idade, etc.), os objetivos, as condições etc. Essa escolha será feita com cuidado pela equipe e poderá ser alterada se as circunstâncias assim indicarem.

Na presença das pessoas que se dispuseram a ajudar, procuramos iniciar a aplicação das técnicas mostrando a importância da contribuição delas e agradecendo a presença de cada um dos participantes, seja dos colaboradores-informantes, seja dos membros da equipe de trabalho do diagnóstico.

Essas dicas não são meros caprichos ou receitas: foi comprovado que elas são necessárias para o diagnóstico fluir bem!

Coleta de Dados Secundários e Observação do Meio

Em primeiro lugar, o grupo deve valorizar os documentos e registros já produzidos e existentes sobre questões que aparecem no seu roteiro temático. Você pode encontrar dados importantes nas sedes das prefeituras ou subprefeituras; nas escolas e postos de saúde; nas delegacias; em jornais; na defesa civil; nos Conselhos Tutelares; em órgãos como o IBGE, o DIEESE, instituições do sistema “S”, as Secretarias de Planejamento ou de Meio Ambiente do Estado e dos Municípios etc.

Mesmo sabendo que nossa cultura institucional produz alguns documentos “para inglês ver”, eles são guias para a checagem e podem ser colocados como estímulo para as pessoas comentarem durante as entrevistas. Por exemplo: uma ata de uma reunião de conselho municipal, de associação comercial, de fórum ou de sindicato onde se discutiram temas do roteiro; pesquisas escolares a respeito da história de um bairro; fotos do tempo em que um veio de água ainda não era canalizado; plano diretor do município, etc.

Por outro lado, nada substitui um bom trabalho de observação direta. Assim, com o mapa da microrregião nas mãos e as informações coletadas, o grupo vai se beneficiar muito de uma visita aos espaços físicos e às instituições que considerar de maior relevância. Nessas visitas, cada um deve observar e anotar o que vê, sente, ouve, percebe. Depois, comparar as anotações e discutir, concluindo e complementando as informações das fontes secundárias.

Enfim, aqueles documentos que o grupo conseguiu obter, complementados e comparados com as observações diretas do meio, podem ser pré-analisados e orientar estratégias de levantamento de campo. Por exemplo, revelar uma liderança do bairro que se interessa pelas questões sociais e deve ser procurada para uma entrevista semi-estruturada; ou um empresário que tem fama de ser um “poluidor” das águas e precisa ser procurado e ouvido em separado etc.

Esse levantamento de registros e documentos é a busca por fontes secundárias. O grupo não precisa investir muita energia nessa busca, mas ela não deve ser desprezada, sendo importante complementá-la com o levantamento de fatos/situações observáveis. Às vezes, determinados casos relatados durante a aplicação das técnicas mostram que devemos buscar os documentos oficiais sobre aquele assunto. Um indicador chave está na coerência ou discrepância entre as falas e a versão dos documentos ou aquilo que se observou. É claro, sendo relevante ao roteiro de temas, quanto maior for a discrepância, mais potente deve ser o “desconfiômetro” da equipe a respeito daquele assunto.

Observação do Meio

O filme dos brasileiros João Jardim e Walter Carvalho, “Janela da Alma”, faz um impressionante relato sobre o olhar. Ao vermos este filme saímos com a certeza de que “Ver e Enxergar” têm muito mais a ver que apenas registrar uma imagem na retina.

A observação é a composição sublime do que enxergamos diante dos olhos (inclusive para os cegos) e as demais sensações que temos misturadas ao foco dado pelo nosso ser (nossa alma).

Colocamos referências próprias para “ver” o que estamos enxergando. As imagens formadas dependem da profundidade com que queremos vê-las e até onde lançamos luz sobre o que ela nos informa dentro de nós mesmos.

A observação do meio é uma **técnica básica** em qualquer tipo de levantamento de realidade. Observar exige, em primeiro lugar, interesse e tranquilidade em querer olhar as coisas e os fenômenos. Muitas vezes, utilizamos a expressão “não quero nem ver o que vai dar”, ela é reveladora da vontade real de não querer perceber o que está diante dos nossos narizes. Passamos parte de nossas vidas nem querendo ver e não vemos de fato; mais tarde a maturidade e o desenvolvimento pessoal levam-nos a ver o que precisávamos.

Adaptando uma proposta baseada nas experiências do poeta Johann Goethe (“Sobre a Morfologia”), podemos separar a observação em três fases que, na prática, se dão ao mesmo tempo, mas quando nelas colocamos consciência tornamos nosso ato de observar muito mais aguçado:

1ª fase - Além de termos o eixo temático do que queremos observar (por exemplo o local de encontro de namorados ou pontos difusos de poluição), começamos a observação pelas formas que se expressam diante dos nossos olhos. O olhar na paisagem deve ser lento, panorâmico, com paradas e trocas de foco “do todo para uma parte, dessa parte para o todo e assim por diante”, procurando ouvir atentamente as sensações que aquele olhar produz em nós além da informação visual, sem deixar que imediatamente o cérebro comece a funcionar e distribuir julgamentos sobre o que se vê.

Várias vezes o olhar deve percorrer essa troca do todo para a parte e para o todo novamente ... Se tivermos um ponto mirante para olharmos nossa microrregião, tanto melhor. Deste olhar selecionaremos os pontos em que devemos “descer do pedestal” e olhar mais de perto. Se procuramos por cenários aconchegantes ou agradáveis, e procuramos também por pontos que provocam ruído nas sensações, estamos identificando os locais que devemos olhar mais de perto.

2ª fase - As formas do particular devem ser o passo seguinte da observação. Por exemplo, avistamos uma pracinha aconchegante, quando da vista panorâmica; agora nos aproximamos dela e ficamos por uns vinte minutos olhando essa praça de um plano em que ela toda se enquadre no campo da nossa visão. Como se fôssemos tirar uma foto desta pracinha, só que ao invés de nos preocuparmos com o enquadramento da foto devemos dar tempo aos nossos órgãos do sentido até que criem uma imagem não estática daquele ponto de observação. Até que percebamos o que se mexe, os cheiros do local e quantas interações entre sujeitos e objetos podemos registrar. Devemos tentar formar uma imagem que a caracterizaria aquele conjunto como síntese.

Para cada ponto escolhido na primeira fase, e que tem a ver com nosso roteiro temático, criamos uma chance para irmos visitar e conquistar uma imagem que pareça melhor exemplificar aquele tipo de ponto que observamos. Por exemplo, é muito fácil ver uma “caixa prisão” quando olhamos para uma escola cuja arquitetura, infelizmente comum, lembra esse tipo de imagem.

3ª fase - Essa é mais operacional. Nosso olhar observatório viu uma forma correspondente ao ponto de observação escolhido; agora vai perseguir os fluxos das formas com os olhos. Por exemplo, no caso da garagem de ônibus, devemos acompanhar um único objeto ou pessoa por um bom tempo: um ônibus que está recolhendo e entra na garagem, até onde ele vai, o que acontece quando pára? Quando volta a se movimentar? Quem entra? Quem sai? O ônibus vai ser lavado, a água gera um novo fluxo. Então perseguimo-la: para onde escorre? Olhamos sua cor, se der, sentimos seu cheiro, percebemos para onde escorre e assim por diante.

Entrevista Semi-Estruturada

Esta técnica é a mãe de todas e está presente em muitas outras formas de pesquisa e diagnóstico. Várias teses acadêmicas foram escritas baseadas neste método porém, no caso do diagnóstico participativo, é uma técnica-mãe que não pode vir sem a família (outras técnicas complementares).

Para a entrevista, o melhor é contar com uma equipe com um entrevistador e um ou dois anotadores. Primeiro, a equipe aborda cada pessoa que desejaria entrevistar, apresenta o objetivo de todo o trabalho e consulta-a para ver se desejaria contribuir no processo do diagnóstico dando uma entrevista.

A pessoa concordando em colaborar, marca-se o melhor momento para ela. Na hora marcada (pontualmente!) e o entrevistador aborda livremente algum dos tópicos do roteiro de temas. Pode comentar o assunto simplesmente, ou mostrar uma foto antiga do local e perguntar se a pessoa reconhece o lugar e que comente as lembranças, principalmente se for um morador antigo no bairro. Ou pode mostrar uma reportagem de jornal que expõe um caso ocorrido no local e pedir que a pessoa comente aquele assunto segundo seu modo de ver. Sem julgamentos sobre o conteúdo da fala da pessoa, uma pergunta vai puxando a outra até levantarmos o roteiro todo.

TÉCNICA: A entrevista consiste em estimular uma conversa informal, descontraída, levantando informações de forma a não inibir o entrevistado e nem provocar um bombardeio de perguntas, mal dando tempo da pessoa respirar. Chamamos de “semi-estruturada”, porque a entrevista é conduzida mediante aquele roteiro de temas previamente construído.

A entrevista é usada para, através de uma pessoa, focar: as próprias pessoas, inclusive o próprio “dialogador”; os casos e fatos (segundo sua visão de mundo); e a descrição do comportamento das pessoas. A aplicação se dá com representantes de todos os atores sociais considerados relevantes para o território, procurando a maior diversidade possível.

É importante levantar as informações de várias pessoas diferentes de um mesmo segmento. Não há uma exigência estatística de amostra, ou seja, uma proporção numérica de entrevistados a ser calculada por grupo social. A partir de um certo número de entrevistas, as versões e visões começam a se repetir – isto indica que já é hora de parar a investigação daquele assunto ou tema.

Na entrevista semi-estruturada, um mediador puxa a prosa e um ou dois anotadores vão escrevendo o que está sendo dito - lembrando que devem anotar exatamente o que as pessoas estão dizendo. As vantagens de dois anotadores são inúmeras, pois estaremos diante de surpresas magníficas, entrevistados que cativam pelas reflexões que expressam. Acontece, com muita frequência, que algum dos anotadores embarque em devaneios e acabe, sem querer, interrompendo sua atividade. Assim, um segundo anotador tende a complementar ao outro, diminuindo as lacunas entre o discurso e as anotações.

A equipe deve comunicar ao entrevistado que as informações serão divulgadas e solicitar o seu consentimento, inclusive se elas podem ou não aparecer associadas ao seu nome ou apenas ao local a que pertence, por exemplo: “morador do bairro Tal”.

Recomenda-se, durante a aplicação desta técnica, não interromper o entrevistado: deixá-lo à vontade, para falar o que pensa e deseja sem receios, não induzindo e nem expressando

opinião ou qualquer outro julgamento de valor sobre o que está sendo dito. Evitar também expressões não verbais de reprovação enfática ao que está sendo dito, lembrando sempre que a equipe deve estar preparada para ouvir e não intervir ou dar parecer a respeito. Não podemos esquecer de agradecer com entusiasmo o entrevistado, seja a entrevista considerada muito boa ou não pelo grupo.

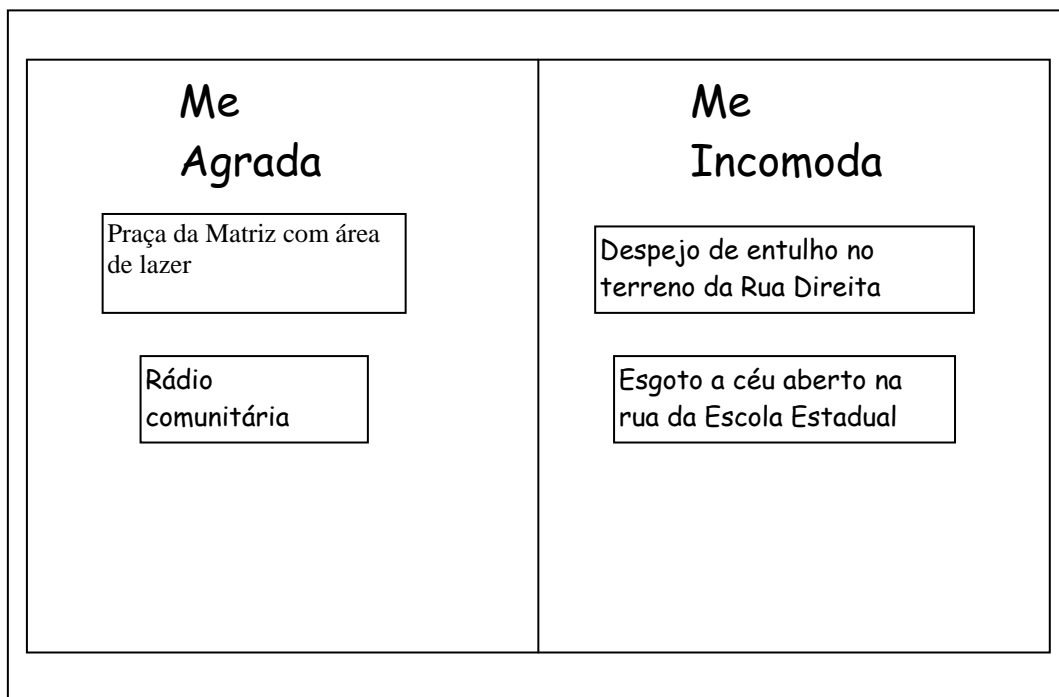
Se a equipe marcou, por exemplo, uma técnica “caminhada transversal” ou um encontro em algum local para aplicar o “me agrada X me incomoda”, aproveita o momento da entrevista para convidar o entrevistado para estar presente e colaborar mais, durante o outro momento, no coletivo.

“Me Agrada” X “Me Incomoda”

Esta técnica consiste em levantar, junto aos presentes, o que lhes agrada e o que lhes incomoda com relação à realidade em discussão. Ela dá excelentes resultados quando aplicamos em grupo, ou seja, juntamos pessoas em lugar apropriado, explicamos para o grupo novamente os objetivos do diagnóstico e também explicamos o que vamos fazer naquele encontro. Sobre uma folha grande de papel ou num quadro escrevemos duas colunas e estimulamos as pessoas a dizerem o que lhes agrada ou incomoda com respeito às condições ambientais e de vida no bairro.

OBJETIVO: Investigar assuntos que agradam ou incomodam no ambiente da Microrregião. Estes assuntos poderão ser de ordem física e humana da comunidade, ou então ligados às questões de meio ambiente, influência das escolas, de serviços públicos, interferências culturais, sociais ou políticas que afetam a qualidade de vida, etc.

TÉCNICA: Formar um grupo ou subdividir em pequenos grupos (de dois, cinco até dez pessoas), dependendo se o comparecimento for grande. Fornecer a cada grupo uma folha de papel sulfite dobrada ao meio. Cada grupo deverá escolher um redator. De um lado da folha será colocado o título “ME AGRADA”, do outro “ME INCOMODA” e, durante aproximadamente vinte minutos, os grupos vão falar e depois anotar tudo o que percebem no bairro em que moram ou no local onde trabalham. Os componentes dos grupos poderão colocar seus nomes na folha ou não, respeitando-se a vontade de cada um. No quadro abaixo você pode ver um exemplo:



Em seguida, os grupos apresentam o que foi discutido e as contribuições vão sendo anotadas na forma de palavras-chave que sintetizam as idéias do grupo em geral. Para isso, as “falas” vão sendo passadas para tarjetas ou cartelas (fatias de cartolina ou papel pardo, p.ex.), em tamanho adequado para favorecer a visualização por todos e ao mesmo tempo motivar a participação.

“Realidade e Desejo”

Esta técnica consiste em estimular, provocar e questionar o ponto de vista dos presentes, de modo exploratório, em relação aos temas do roteiro. São levantadas as opiniões sobre a situação e também sobre as expectativas, os sonhos de cada um ou do grupo; por fim, as formas e processos de como realizar esses sonhos, alcançar as aspirações. Ela é parecida como a anterior, com a diferença que as pessoas já são motivadas a discutir pistas e saídas para alcançarem seus desejos, ao invés de somente constatá-los.

TÉCNICA: A aplicação é simples, mas requer sintonia e muita agilidade da equipe. Explica-se aos participantes que irão falar da sua realidade e depois dos desejos com relação a ela. O mediador questiona o grupo sobre a realidade da rua, da comunidade, do bairro, do emprego e assim por diante, colocando as idéias com as quais o grupo concorda num quadro ou papel na parede, assim:

- “Numa palavra, qual é a realidade [do trabalhador da atividade tal?] [do aluno desta escola?]”

REALIDADE		DESEJO
Violência		
Desânimo		
Rio fedido e feio		

Depois de listados os tópicos da coluna da realidade, caso tenham aparecido somente palavras negativas ou somente positivas, pergunta-se:

- “Mas nessa realidade não tem nada de positivo (negativo)?”

Se surgirem novas falas, acrescentar.

Em seguida, o animador provoca:

- “E os desejos? O que cada um de vocês desejaria que fosse essa realidade? Qual é o sonho de vocês para [este ambiente de trabalho?] [esta escola?].”

REALIDADE		DESEJO
Violência		Paz
Desânimo		Mais espaços e oportunidades para os jovens
Rio fedido e feio		Rio despoluído e com pista de bicicleta na margem
Amizade entre as pessoas		Continuar e cultivar amizades

O desafio deve prosseguir para o grupo.

Agora, o animador estimula o grupo para preencher a coluna do meio que estava sem cabeçalho:

-“Para a gente passar da realidade ao desejo precisa fazer alguma coisa: propor um projeto, descobrir um caminho... Qual seria a ponte entre um lado e o outro para que a cada realidade corresponda o nosso desejo?”

REALIDADE	COMO TRANSFORMAR	DESEJO
Violência	Debater as condições de opressão na escola, na família e na sociedade	Paz
Desânimo	Tentar abrir um canal com o poder público para colocar mais diretamente as demandas da juventude	Mais espaços e oportunidades para os jovens
Rio fedido e feio	Fazer um movimento para que os órgãos públicos despoluam e	Rio despoluído e com pista de bicicleta na margem

Usamos os espaços da escola para nossas coisas	urbanizem o rio tal Criar um termo de compromisso para a conservação das instalações	Continuar usando
--	---	------------------

Para que todos participantes possam ver imediatamente o que está sendo concluído pelo grupo, é sempre interessante ter um quadro negro ou papel pardo. Um anotador, então, deve ir escrevendo o que está sendo dito em local em que todos os participantes possam ver, para concordarem ou não com o que está sendo escrito. É importante deixar o grupo à vontade, de modo que se expresse livremente, com informalidade e descontração. Para isso, a equipe deve mais ouvir do que falar, ter muita paciência e saber que todas as informações são importantes, independentemente de os mediadores concordarem ou não com elas. O importante é que se discuta cada idéia sobre a qual haja diferentes opiniões e que as pessoas participantes (e não a equipe de mediadores) possam dizer se elas concordam ou não com essa idéia.

“Caminhada Transversal”

Como diz o nome, trata-se de caminhar dentro dos limites da Microrregião com um grupo de pessoas de diversas idades que quiserem acompanhar. A idéia é que as pessoas vão observando e comentando o ambiente e os significados que dão aos locais considerados importantes por elas. Pode-se fazer duas caminhadas pelos mesmos lugares, mas com públicos diferentes, para traçar um histórico da paisagem. Para uma caminhada, devemos chamar pessoas mais idosas (aqueles senhores aposentados que ficam em praças ou bares, se forem convidados com carinho e respeito gostam muito de ajudar) e fazer uma caminhada desenhando uma representação gráfica do perfil do lugar há 30 ou 40 anos atrás. Depois, saímos pelo mesmo trajeto registrando um outro gráfico do perfil contemporâneo, com pessoas mais jovens ou com diversas idades.

OBJETIVO: Tomando cuidados especiais com as questões de segurança dos pessoas para transitar em locais de risco, deve ser utilizado o espaço em geral e os elementos culturais existentes nele, de forma material e simbólica, para registrar como as pessoas percebem os lugares, através do seu olhar e dos debates espontâneos que surgem durante a caminhada. Essa técnica favorece também a identificação de condições e necessidades do local como: infra-estrutura, saúde, segurança, qualidade de vida e lazer, entre outras.

TÉCNICA: Marcar um horário favorável às pessoas, se possível sob boas condições climáticas, levando pranchetas para desenhos ou anotações dos próprios caminhantes, máquinas fotográficas. As informações surgem de maneira espontânea e natural se a caminhada for estimulada por uma boa conversa a respeito dos lugares de que as pessoas mais gostam; quais os lugares mais agradáveis e desagradáveis do bairro ou da rua, na opinião do grupo; conversando com as pessoas que encontram enquanto caminham; etc.

Como nos demais registros, estes serão expostos na forma de painéis, com legendas, mostrando e justificando os lugares escolhidos. A exposição é muito concorrida, por isso pode ser planejada para ficar montada em um local público de fácil acesso por um tempo suficiente para que ampla parte dos segmentos possam visitá-la.

O mediador e os anotadores têm uma missão muito especial nesta caminhada, que é deixar as pessoas livres para escolher e comentar os lugares a serem visitados, e estarem atentos, prontos para ouvir o que eles têm a dizer. Devem respeitar suas escolhas e fazer possíveis intervenções no sentido de minimizar participantes que querem dominar demais ou induzir para que todos “adotem” seu olhar.

OBSERVAÇÃO: parentes e amigos dos presentes na caminhada que estejam ao longo do trajeto devem ser cumprimentados, mobilizados para se envolverem no diagnóstico e valorizados nas suas atividades, principalmente quando se trata de trabalhadores que acabam, sem querer, expondo o que fazem no dia-a-dia – por exemplo, lavadeiras, catadores de lixo e materiais recicláveis, artesãos, domésticas, jardineiros, entregadores, etc.

Mesmo se forem encontrados parentes alcoolizados ou drogados, deficientes mentais ou físicos, todo o respeito que a equipe puder passar servirá de um grande exemplo e de uma grande possibilidade de aprendizado para o coletivo ali, com repercussão de modo impressionante para a relação com a comunidade. Ao contrário, uma repulsa, até inconsciente, levará tempo para ser apagada da memória!

“Mapeamento Participativo”

O mediador anima o pessoal presente a desenhar um mapa ou construir uma maquete que represente o seu bairro. Isso pode acontecer em etapas, uma vez que a abstração exigida para fazer uma espécie de mapa é sofisticada. Idosos podem fazer um mapa de períodos passados e, depois, jovens fazem do momento atual.

Outra hipótese é uma parte dos presentes fazerem um mapa ou construírem a maquete da realidade atual, enquanto a outra parte compõe o mapa ou a maquete do futuro desejado por eles. Depois, todos juntos comparam os dois mapas ou as duas maquetes. Desse jeito, geram-se análises riquíssimas e uma emocionante aproximação entre gerações, além de informações preciosas!

OBJETIVO: Por meio desta técnica, o grupo envolvido é levado a representar graficamente a comunidade em que vive, podendo aparecer dados sobre: estrutura do bairro; tipos de moradias; áreas de risco; índices de crescimento; relações interinstitucionais; problemas e potenciais de diversos tipos... Enfim, um retrato panorâmico do bairro, que poderá ser também histórico.

TÉCNICA: Convida-se um grupo representativo da comunidade local que conheça bem a região ou bairro para participar do “jogo”. O grupo é dividido em dois – o dos mais velhos e o dos mais jovens, por exemplo. É sugerido um desenho simbólico (ou a construção de uma maquete) em que eles representem as coisas relevantes que existem (ou que existiram ou ainda que gostariam que existisse) no bairro, na opinião de cada grupo. A experiência vivida cria consensos e torna a comunicação mais fácil, sem falar no intenso exercício de reconhecimento do ambiente que é facilitado.

No quadro negro, cartolinas ou papel pardo, propõe-se um ponto de partida, por exemplo, um local que todo mundo reconhece como importante para eles. Não induzir para que este ponto inicial tenha algo a ver diretamente com o(s) tema(s) do roteiro, mas deixar que eles façam suas escolhas com calma. A partir do ponto de referência inicial, o mediador incentiva que todos dêem idéias, desenhem, apontem outros locais, outros símbolos.

É comum que adultos, no princípio, sintam-se constrangidos para pegar em giz ou pincéis atômicos para desenhar, o que exige muita paciência para não se tomar sua frente. Com um pouco de tempo, se ficarem bem à vontade, vão se soltando e “curtindo” essa oportunidade.

No caso de construção de maquetes, o melhor é colocar à mão dos grupos muito material diverso, sucatas, papéis, cola, barbantes ou lãs, tesouras, fitas adesivas etc. Podem também buscar no ambiente pedras, folhas, gravetos, enfim, usar técnicas diversas e criativas para expressar uma imagem do ambiente a ser representado (rua, bairro, margens do rio, escola, ...). Dar tempo para que as pessoas caprichem, valorizando a estética também!

O resultado é que, além de conhecer melhor o local, esse trabalho permite uma compreensão maior sobre a maneira de pensar dos moradores, sua espacialização, suas prioridades e as razões pelas quais eles querem ou não agir para modificar algo.

COMO REGISTRAR OS DADOS “BRUTOS” DO LEVANTAMENTO E OS PRODUTOS DAS TÉCNICAS.

A sistematização e conferência dos dados é o momento de verificação se o objetivo foi atingido e se há informações checadas e trianguladas sob cada aspecto abordado; de organizar os materiais produzidos; de preparar a devolutiva e analisar o material como um todo.

Para tanto, é importante que a equipe esteja sintonizada, atenta, envolvida para não desperdiçar informações, inclusive aproveitando tudo o que foi levantado, além de reforçar com observações feitas por ela mesma. Os procedimentos para a realização desta etapa são:

- Verificar se os diferentes atores sociais e econômicos foram ouvidos/atendidos;
- Verificar se o roteiro de temas foi abrangido na sua totalidade;
- Verificar se o objetivo foi atingido;
- Separar as técnicas aplicadas por segmentos;
- Tabular os dados;
- Organizar o material produzido;
- Organizar e montar a devolutiva visual (painel de fotos, as telas, histórias, maquetes, desenhos, mapas e listagens das informações obtidas);
- Separar e encaminhar os dados que serão digitados;
- Analisar os dados;

QUADRO DE SISTEMATIZAÇÃO (exemplo/fragmento – “dados brutos”) Diagnóstico Participativo da Microbacia “Guarapiranga III”	
Técnica: <u>Entrevista semi-estruturada coletiva</u> Data: _____ Fl.: _____ Participantes: <u>4 aposentados, 1 comerciante, 2 jovens e 6 adolescentes</u>	
Informações	Item do roteiro
“Tem locais que eram lagoas com água cristalina mas foram soterradas durante a construção do Hipermercado ali naquela baixada.”	1.6 – Histórico das belezas naturais do bairro

- Elaborar o relatório final.

Não basta registrar: precisa tornar esses registros imediatamente acessíveis. Desenhos, fotos, diagramas, frases ditas e maquetes devem ser duplicadas e expostas em mural ou local específico quase simultâneos às suas produções. A visualização é um dos principais instrumentos para se desenvolver um processo participativo. Portanto, quanto mais rápido se der este retorno visual, mais cresce a credibilidade do grupo e do processo desenvolvido. Isso estimula a participação, à medida que as pessoas identificam e confirmam que “suas falas” estão ali, principalmente quando perceberem que foram respeitadas e escritas na íntegra.

Durante esse processo é importante certificar-se que toda a equipe compreende o que está acontecendo, incentivar que todos coloquem suas dúvidas e/ou sugestões, pois a proposta é que os envolvidos no processo se apropriem das técnicas e as utilizem com liberdade e segurança, além de contribuir para o relatório final. Se a “equipe de diagnóstico” havia se separado em sub-equipes que atuaram em turnos diferentes, com aplicação de técnicas diferentes, essa é a hora de juntar todos, impreterivelmente num mesmo espaço/tempo.

A finalização desta etapa é a entrega do material produzido e do próprio diagnóstico para a comunidade, para que esta contribua junto com o grupo para dar o encaminhamento seguinte, que é a elaboração de um projeto, com um plano de ação para a superação dos problemas detectados e encaminhamento das transformações desejadas.

ALGUMAS DICAS FINAIS SOBRE O PLANEJAMENTO DO DIAGNÓSTICO

Para finalizar a “reunião de preparação do diagnóstico”, após o conhecimento dos participantes, o estudo e discussão das bases, a definição do objetivo, dos temas e a escolha das técnicas mais apropriadas, elabora-se o cronograma de “trabalho de campo” para o diagnóstico participativo, de modo a organizar quais as técnicas, segmentos, horários, dias e equipes que serão realizados. São fatores importantes para essa organização:

- Verificar a disponibilidade e habilidade das pessoas para compor as equipes, em relação à técnica e ao período que será aplicada;
- Verificar junto às organizações locais, por exemplo uma escola, a possibilidade de ceder um espaço para que a equipe se reúna diariamente, para organizar e preparar o material que será trabalhado e onde também possa organizar e sistematizar os dados;
- Levantar a disponibilidade de horários das pessoas antes de agendar as reuniões – inclusive os horários dos ônibus, caso a maioria das pessoas se utilizem deste meio de transporte,;
- Providenciar quem fará a digitação;
- Verificar as matérias que devem ser produzidos/encaminhados como: convites, autorizações, bilhetes, comunicados;
- Decidir: a aplicação do diagnóstico será total ou parcial dentro da Microrregião;
- Decidir quais técnicas serão aplicadas para cada caso do roteiro;

- Decidir quantas e quem serão as pessoas entrevistadas e procurar agendar com antecedência;
- Em caso de algumas técnicas como “Caminhada transversal”, pensar quantas pessoas serão convidadas e quem da equipe ficará responsável por esta atividade;
- Prever o tempo de aplicação, aproximado, para cada técnica;
- Disponibilizar e viabilizar um tempo para que toda a equipe possa se reunir diariamente, para troca de informações e verificação do cronograma, se este foi cumprindo em sua totalidade neste dia, de modo que, caso não tenha sido, haja tempo hábil de reorganizá-lo;
- Providenciar um “diário de bordo” (caderno) para que toda a equipe possa fazer anotações referentes à aplicação das técnicas, observações feitas,...;
- Procurar seguir o cronograma com flexibilidade, para que a equipe não perca o referencial do processo...

Uma vez terminada essa fase do diagnóstico – aplicação das técnicas, sistematização das informações obtidas e sua apresentação à comunidade interessada para eventuais correções – a equipe vai criar condições para que sejam eleitas prioridades para nortear sua atuação, ou seja, rever as atividades previstas e propor um plano de ação.

Pois ao término do diagnóstico participativo teremos muitos dados novos, tantas informações que mal imaginávamos que iríamos conseguir, tantas outras coisas a dizer que o Grupo precisará de critérios para focar em atividades críticas que possam ser executadas e gerenciadas. Não que a grande riqueza dos dados conseguidos devam ser deixada a perder. Pelo contrário, quanto mais o grupo, através de seus contatos, conseguir fazer uso de todos os resultados do levantamento, tanto melhor. Um dos usos, inclusive, pode ser na justificativa do Projeto.

Os padrões de relatório são para que os dados ganhem maior agilidade de processamento e apresentação. Muitos dados, se fossem apresentados em formatos livres, demandariam muitas horas de trabalho para sua organização e deixariam sua apresentação muito lenta e dispendiosa.

DICAS PARA UMA ANÁLISE PARTICIPATIVA DOS DADOS DO DIAGNÓSTICO.

Para se definir o foco do projeto que se vai elaborar, é necessário ter bem em mente as pistas e demandas indicadas pelo diagnóstico.

Para definir que ações realizar é necessário uma reflexão estratégica que mostraremos com as dicas e exemplos a seguir:

1) Os dados de um diagnóstico falam alguma coisa por si, mas precisamos em grupo perguntar o que de fato eles querem dizer. Por exemplo, o grupo constata que “há um depósito clandestino de solventes químicos, utilizados para fraudar combustíveis”. Assim, colocamos algumas perguntas: “a quem interessa guardar produtos químicos sem controle dos órgãos fiscalizadores?” Não se contentem com uma resposta muito unilateral e simplista do tipo “aos bandidos e sonegadores”. Não porque esta resposta esteja errada, mas porque há mais coisas a analisar e se paramos aí não encontraremos a melhor medida da ação;

- 2) Desta maneira devemos continuar a fazer mais perguntas (continuando o exemplo): “Por que há na sociedade um mercado informal que afeta até a produção de combustíveis clandestinos?; quais riscos isso acarreta para a população do entorno e em geral?; por que o estado não consegue inibir este tipo de ato?; o que existe por trás da ilegalidade de um ato que parece ser inofensivo? Quantas pessoas se beneficiam disso e quantas perdem?” e assim por diante;
- 3) Para cada constatação importante do diagnóstico sugerimos que façamos perguntas de aprofundamento, inspirados no exemplo acima. Não vamos esquecer que as sínteses das discussões precisam ser registradas. Conforme vamos analisando, vemos que algumas causas dos problemas levantados são as mesmas, são irmãs e coligadas;
- 4) Identificamos depois quais são as causas mais centrais dos problemas e refletimos o que poderia ser feito para neutralizá-las, combatê-las, esvaziá-las, etc...;
- 5) Listamos as possíveis ações que consideramos importantes para modificar as condições que causam/provocam/favorecem os problemas detectados. Desta lista damos a cada ação uma nota de “governabilidade”. Por exemplo: chegamos à conclusão que deveria aumentar a fiscalização do estado sobre todos os riscos de acidentes ambientais, como a existência do depósito clandestino de produtos químicos”. Perguntamos: qual é a chance de governabilidade (possibilidade de agir, de intervir) nossa sobre essa proposta: alta, média ou baixa? e marcamos na lista. Desse modo classificamos todas ações para ver sobre quais temos maior ou menor poder de transformação. Ver exemplos do quadro abaixo:

Ações	Grau de governabilidade
aumentar a fiscalização do estado sobre todos os riscos de violência com relação a adolescentes;	Baixa
apresentar denúncias aos órgãos municipais e estaduais sobre focos graves de risco de acidentes ambientais por ação humana;	Média
criar um programa na rádio comunitária para esclarecer os problemas de saúde associados à falta de saneamento em determinados bairros;	Alta

- 6) Voltamos várias vezes à nossa lista de ações para ver se não deixamos nada importante de fora, se o grupo todo está entendendo bem os valores que colocamos para cada ação e se haveria uma ordem mais lógica para colocá-las de modo que, ao começarmos por uma ação, melhorem as condições para fazer a próxima;
- 7) Depois de estabelecermos uma seqüência mais lógica para cada ação, fazemos uma lista com as prioridades para que o grupo comece a elaborar seu projeto de acordo com aquilo que terá mais poder de influenciar no plano local e na rede de pessoas e instituições que poderemos estabelecer para levar adiante nosso projeto.

E por fim, mãos à obra!